

De repente, Cristo

Completam-se 25 anos de um fato fundamental para o crescimento de Comunhão e Libertação na Espanha: a adesão ao Movimento, em Madri, de bom número dos que seguiam a experiência da associação Nueva Tierra, ao lado de um grupo de jovens sacerdotes. Entre estes se encontrava aquele que Dom Giussani indicaria como seu sucessor: padre Julián Carrón. Ele acaba de dar início ao ano de CL na Espanha

Começar a participar de Comunhão e Libertação costuma vir acompanhado de sinais exteriores muito característicos: mudanças no vocabulário – passam a ser muito usados termos como acontecimento, desejo, encontro... -, a paixão por Soljenítsin e outros autores russos, pela música coral... Mas o que acontece no interior da pessoa?

Por dentro, a pessoa vive uma experiência para a qual não encontra palavras mais adequadas que essas, quando tenta explicá-la. O que foi decisivo para mim foi começar a participar da vida do Movimento e entrar em contato com a sua proposta educativa. Mesmo com o meu doutorado, obtido no exterior, eu não conseguia mover meus alunos nem um milímetro sequer de suas posições, porque não era incisivo nas aulas que lhes dava. Mas, quando comecei a me confrontar com a realidade – neste caso, as minhas aulas – como o Movimento me propunha, passei a ter uma liberdade e uma capacidade de desafiar aqueles garotos que antes não tinha. A questão não foi aprender sei lá que coisas novas, mas uma maneira nova de estar na realidade, que antes eu não tinha. E que nome você daria a isso? É evidente que aconteceu alguma coisa que mudou a sua vida. Você mesmo é o primeiro a se surpreender. É por isso que eu digo que o cristianismo, quando acontece, pega você no cotidiano, na forma como enfrenta cada dia, na maneira de dar as aulas... Eu já tinha lido alguns textos de Dom Giussani, e concordava plenamente com ele, mas não via nenhuma novidade especial. Foi participar da vida do Movimento e ler aquilo a partir de dentro que me fez ter uma experiência da vida como a que eu estou descrevendo... É o mesmo que acontece com qualquer texto literário. Como eu explicava a meus alunos, não basta ter os instrumentos de análise literária (um dicionário, a métrica dos versos...); você precisa de uma experiência que lhe permita entender um poema de amor... Pelo mesmo motivo, é preciso ler a Escritura a partir da Tradição, a partir de uma experiência que permita captar toda a sua densidade.

De que modo a sua experiência do seminário e daqueles anos foi uma preparação?

Eu só guardo gratidão de todas essas coisas. É verdade que vivemos momentos difíceis depois do Concílio. Mas tivemos a sorte de ser acompanhados por pessoas como padre Francisco Golfín [depois bispo de Getafe] e padre Mariano Herranz [professor de Sagrada Escritura], que nos deram pontos de referência que permitiram que não nos perdêssemos naquela situação, em que muitos companheiros nossos se perderam. Eles nos aproximaram de autores como Guardini ou Von Balthasar, De Lubac ou Ratzinger, que nos deram as coordenadas para que nos situássemos na realidade. Eram os mesmos autores que o Movimento e Dom Giussani recomendavam.

Qual era a novidade de CL?

O Movimento nos fez tomar consciência de um método que nós não tínhamos. Entendemos então que o cristianismo, mais que uma doutrina, é um acontecimento. A novidade cristã é que os conceitos se fizeram carne. E, como diz o Papa, no início do caminho cristão está o acontecimento de um encontro. Pode ser um encontro como o de

João e André, ou o da Samaritana... Mas é sempre um encontro imprevisto e imprevisível com uma Pessoa que tem um jeito de olhar para a vida, uma capacidade de abraçar o humano absolutamente únicos.

O senhor já tinha fé. No entanto, no seu relato e no de outras pessoas que aderiram a CL naqueles anos, o que vocês descrevem é uma conversão.

Isso foi uma surpresa para nós mesmos! Nasceu de imediato uma capacidade de abertura e de compreensão da realidade infinitamente maior, que não poderíamos nem sonhar. Nosso horizonte começou a se abrir, a começou a se dilatar também o nosso interesse pela realidade, pela fé, pela literatura e pela arte, por Dostoievski e Soljenítsin, pelo canto, pela beleza... Não consigo imaginar como era a Igreja em Milão na década de 1950, com toda a sua capacidade de adesão. Mas Dom Giussani percebia os sintomas de uma divisão na vida das pessoas e na maneira de viver a fé. E começou a propor o cristianismo a partir de suas características fundamentais. Se o cristianismo não volta a ser como no início, se não voltamos à categoria do acontecimento, a pessoa pode até participar de uma espécie de tradição, mas isso não basta. Quantas pessoas já não passaram por colégios católicos?

Não basta repetir as coisas; é preciso mostrar que, vivendo essas coisas, a vida é mais plena, mais digna de ser vivida, e este é o único desafio que pode convencer: o testemunho de uma vida realizada, que sabe dar as razões pelas quais vive assim. Foi esse o testemunho que o Papa nos deu no Reino Unido: ele testemunhou diante de todos uma capacidade de viver a realidade, de enfrentar as questões mais importantes com uma profundidade que suscita perguntas até nos mais reticentes... O desafio é mostrar que o cristianismo não está reservado apenas a seus seguidores, mas leva a compreender a totalidade da realidade, a totalidade da beleza... É claro que às vezes o problema também é saber transmitir o interesse pela beleza. Os monges da Idade Média cantavam e o povo participava da liturgia em gregoriano. Hoje, isso nos parece algo destinado apenas às minorias cultas...

A. Simón e R. Benjumea